A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L.º A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Queiram vocencias desculpar, mas, d'esta vez, a Chronica vae em mangas de camisa, um tudo nada descomposta, sem se preoccupar, nem pouco nem muito, com o que possam dizer do seu *deshabillé* quasi paradisiaco os estoiradinhos enluvados do *Turf-Club*.

Eu creio que os thermometros teem marcado, nos ultimos dias, o maximo dos graos que lhes é permittido accusar sob o calor intenso e suffocante das regiões africanas. Mais além não se póde subir, nem mesmo na zona torrida. Ora, debaixo d'um sol d'estes, toda a compostura de trage é impossivel, por maior desejo que te-

PRINCIPE AMADEU, DUQUE DE AOSTA

phamos d'apparecer correctos, irreprehensivelmente esnartilhados na casaca severa das solemnidades magnas, com o pescoço garrotado por um incommensuravel e rijo collarinho inglez, de bretanha lustrosa.

Vae, pois, em mangas de camisa a Chronica.

Queiram vocencias desculpar.

Este bello paiz da larangeira e das tigelinhas luminosas já tinha deposto aos pés da Serenissima Princeza de Orléans, D. Maria Amelia, todos os mimos da sua lavra, fazendo-a passar por sensações variadas.

Primeiro, abençoou-lhe as bodas com agua do Ceu; bafejou-a, ao cair da tarde, com as brisas suavissimas e acariciadoras do Norte; offereceu-lhe ventanias agrestes; deu-lhe uma amostra das trovoadas de maio. Depois, no periodo agudo dos festejos, chocou-lhe a fina sensibilidade dos nervos com uma corrida de toiros; apresentou-lhe os moços athletas do Real Gymnasio Club; fel-a bocejar na recita de gala do theatro do Rocio; relacionou-a com o commendador Antonio Duarte, e offereceu-lhe as melodias embriagantes d'Alfredo Keil.

Ao setimo dia descansou, para planear no gabinete a campanha das Amoreiras, com que havia de dar-lhe a mais forte das sensações experimentadas; e por fim, não tendo já mais nada que exhibir nem que offerecer, mimoseâ S. Alteza com um calor nunca sentido por estas paragens, um verdadeiro calor real, que está a pedir banho de tina a cada hora, e sorvete de morangos a cada instante.

Em boa verdade, achamos isto menos correcto e delicado. Que lhe dissessem, por exemplo:—*Altesse, nous avons, ici bas, un autre Massenet; c'est mr. Antonio Duarte da Cruz Pinto*,—e lhe mostrassem depois o illustre commendador, sem sombra de Massenet na figura e no estro, vá. O amor da patria e o espirito de nacionalidade, desculpam estes exaggeros. Tem-se tambem por ahi dito, muitas vezes, que o sr. Justino Soares é o primeiro bailarino da Peninsula, e ninguem protestou.

Que lhe segredassem:—*Nous sommes un pays de savants; tout le monde est à l'Academie des Sciences* ou:—*mr. Beirão, le ministre, possède le plus joli nez de Portugal*, vá ainda. Effectivamente, á primeira vista, parece que os sabios pullulam n'este cantinho humilissimo do Occidente; e pelo que respeita ao nariz do sr. ministro da Justiça, quem o feio ama, bonito lhe parece: em gostos não ha disputas.

Mas ir dizer-se a S. Alteza:—«o nosso clima é o mais temperado do mundo; sopram aqui brisas frescas e deliciosas; não ha sol que possa crestar-vos a epiderme delicada, nem frio que vos enregele o corpo franzino,» para depois se lhe dar, como presente do regio noivado, este calor tropical e importuno, achamos incivil, mais que incivil, tyrannico.

Procedendo assim, o nosso paiz, além de ter mentido descaradamente á gentilissima duqueza de Bragança, falta, como um scelerado, ás leis mais elementares da cortezia e da boa hospitalidade.

Que nós saibamos, ainda ninguem até hoje se lembrára de receber hospedes dando-lhes um suadoiro: estava reservada essa inovação a Portugal. Por cima de os massar com festas de todos os feitios, dá cabo d'elles com uma temperatura assassina.

De resto, e afóra estes ardores extraordinarios d'um sol mais extraordinario ainda, tudo caminha regular e isochronamente nos dominios da Parvonia.

Os srs. ministros, sem temor das ardencias causticas do sol, jornadêam pelo Porto muito despreoccupadamente, como quem não tem nenhum problema grave a resolver. A todos elles os portuenses reconhecidos deram vivas enthusiasticos, e houve um—mais feliz—que além dos vivas apanhou umas calças.

Se esta mania de brindar o governo com artigos de vestuario se generalisa, teremos de ver s. ex.as os ministros trazerem, atraz de si, além do correio com a pasta, uma carroça para ir recebendo a fatiota pelo caminho.

A ajuizar pela despreoccupação de bemaventurados com que os illustres conselheiros da Corôa veranêam, do Porto para o Luso e do Luso para o Porto, levando cuidadosamente enpapellado na bagagem o glorioso poeta da *Velhice do Padre Eterno*, a coisa vae n'um sino, como é d'uso dizer-se em phrase plebea e rustica.

Os nossos fundos sobem a olhos vistos, segundo a affirmativa authorisada de Leroy-Beaulieu, no *Economista francez*.

O exercito licencia-se, por estar provado que já não ha sedições nem revoltas a aplacar.

A divida fluctuante derrete-se com o calor.

Ao passo que a Hespanha é inquietada pelos receios eternos d'um movimento carlista imminente; que a Inglaterra se prepara para uma lucta eleitoral tremenda entre os partidarios e os inimigos da autonomia da Irlanda; que a França está em riscos de se convulsionar, n'um duelo terrivel, provocado pela expulsão dos Principes; que a Belgica, outr'ora venturosa e tranquilla, continúa a ser preza do anarchismo demolidor; que a Turquia se vê assoberbada por infortunios sem conto, e que a Baviera, o legendario paiz da cerveja, assiste, lacrimosa e coberta de crepes, ao suicidio do seu monarcha, nós levamos a existencia mais serena e mais feliz do mundo inteiro, sem agitações, nem receios, nem desgraças, nem principes para expulsar, nem Irlandas que nos peçam autonomia, nem carlistas que nos importunem na beatitude do nosso somninho patriarchal.

Uma delicia o viver assim!

O peior é o calor e o cholera das gallinhas, que ahi lavra com espantosa furia, desde a Praça da Figueira até ás capoeiras domesticas, dizimando o melhor das nossas criações.

Se não fosse isso, se não fossem estes dois flagellos, um que incommoda por egual os gallinaceos e a humanidade, outro que prostra aquelles em prejuizo dos estomagos d'esta, a vida correr-nos-ia n'um mar de delicias, suavemente embalada pelos concertos dos Amadores de Musica, pelos echos das ultimas festas, e pelas trovas populares do S. João, com acompanhamento de guitarra.

Quando não houvesse concertos nem trovas, tinhamos a feira das Amoreiras, cujo praso de duração a Camara Municipal de Lisboa prorogou agora, para commemorar a campanha da Maria da Piedade. O mez de junho é um mez de recursos para todos os paladares. Lá o disse Antonio de Menezes, o sempre lembrado gazetilheiro, nas suas quadras d'um humorismo encantador.

«O mez de junho, que pandego!
Nos doze mezes do anno
Não ha maior reinadio.
Não ha um mez tão magano!

O junho é mesmo um gaiato,
Anda sempre em reinações.
E fornece dias santos
Por atacado, em porções.

E' um mez de estravagancias,
Que janta fóra de portas,
Vae á noite ás Amoreiras
E de tarde vae ás hortas.

Dança nos bailes campestres
Com costureiras, modistas,
Salta fogueiras nos campos,
E deita fogo de vistas.»

Pobre Antonio de Menezes! Se elle, lá do outro mundo onde repousa, podesse ter visto o fogo da Tapada!...

C. Dantas.

A TRASLADAÇÃO DOS OSSOS DE VASCO DA GAMA

EM 1880

I

Na sessão de 1 de abril de 1880, a Academia Real das Sciencias, reunida em assembléa geral, ouviu a leitura de um formosissimo, requerimento escripto pelo sr. Latino Coelho, e dirigido pela Academia ao governo, para lhe pedir que, por occasião das festas, que por iniciativa da imprensa de Lisboa se preparavam para o Centenario de Camões, mandasse trasladar conjunctamente os ossos do grande poeta e os ossos de Vasco da Gama para o magnifico templo de Belem. Deferido o requerimento, a Academia delegou no seu socio, o sr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão, todos os poderes para se entender com o governo, e organisar a solemnidade. Dirigindo, pois, o sr. Teixeira de Aragão os preparativos para a trasladação dos ossos de Vasco da Gama e para a trasladação dos ossos de Camões, mas não podendo estar em toda a parte, occupou-se especialmente dos ossos de Vasco da Gama, em quanto os de Camões eram procurados com affinco e zelo por outros cavalheiros. Servia de secretario ao sr. Aragão o illustre escriptor o sr. Sousa Viterbo, e a Academia, querendo fazer-se representar de um modo mais completo, nomeou dois socios, um da primeira classe, o illustre astronomo o sr. Oom, o outro da segunda classe, Manoel Pinheiro Chagas.

O sr. Aragão partiu para a Vidigueira, bastantes dias antes do Centenario, mas os seus dois collegas é que só nos dias mais proximos da solemnidade tiveram de sair de Lisboa. No dia 6 um comboyo expresso transportava do Barreiro para a estação de Cuba os dois socios da Academia e o presidente da commissão executiva da imprensa de Lisboa, o sr. João Carlos Rodrigues da Costa, que ia como delegado d'essa commissão assistir a essa solemnidade da trasladação dos ossos de Vasco da Gama, que, por uma feliz inspiração, a Academia associára á festa de Camões, e o sr. conde da Vidigueira, descendente e representante do famoso descobridor.

Quando o comboyo parou na estação de Cuba, um cavalheiro distinctissimo, o sr. visconde da Ribeira-Brava appareceu, offerecendo hospitalidade na sua casa da Vidigueira á commissão directora dos festejos.

Já n'essa casa se achavam hospedados o sr. Teixeira de Aragão e o sr. Sousa Viterbo, que alli tinham estabelecido, por assim dizermos, o quartel-general das suas operações.

Não havia para isso logar mais proprio. A casa em que estava residindo n'essa occasião o sr. visconde da Ribeira Brava, e que pertencia á familia de sua esposa, era o convento carmelita conhecido pela denominação de convento de Nossa Senhora das Reliquias, em cuja egreja estavam as sepulturas da familia dos condes da Vidigueira, a começar pela sepultura do grande homem, que illustrára a um tempo, com o esplendor da sua gloria, a sua familia, a sua patria, e o seu seculo.

Atravessando rapidamente as ruas de Cuba, as de Villa de Frades e as de Vidigueira e as campinas que separam umas das outras estas tres importantes povoações, chegou emfim a commissão, ao cair da tarde, ao antigo convento carmelita de Nossa Senhora das Reliquias, fundado nos fins do seculo XVI, e que, depois da extincção das ordens religiosas em 1834, foi alvo do mais estupido e impudente vandalismo, até que felizmente o comprou, como bem nacional, por quantia pouco superior a tres contos de réis, um digno cavalheiro de Portel, o sr. D. José Gil.

Era essa familia, em que entrára pelo seu casamento o sr. visconde da Ribeira Brava, que recebia hospitaleiramente a commissão encarregada de dirigir a trasladação dos ossos de Vasco da Gama, e que bizarramente concorria para que tivesse a maior pompa essa grande solemnidade nacional.

O convento de Nossa Senhora das Reliquias fica situado no meio de uma paizagem encantadora, que, brotando de repente na aridez do Alemtejo, toma o aspecto de um verdadeiro oasis. Rodeia o convento um copado laranjal, tratado e cuidado hoje com o maximo esmero, e que offerece aos habitantes da Vidigueira, que o aproveitam, como delicioso passeio, posto que fica ainda a dois ou tres kilometros da villa. A laranjeira é uma das arvores mais formosas, que brotaram do seio fecundo da natureza. O verde sombrio e metalilco das suas folhas, a alvura das suas flores, os varios matizes dos seus fructos, que vão passando, em producção successiva, segundo o periodo do seu desenvolvimento, da côr verde para todos os cambiantes do oiro, até assumir, quando chega ao periodo da perfeita maturação, essa côr alegre e triumphante, que é uma das côres do espectro solar, e que o seu proprio nome designa, por não ser bem o vermelho e não ser já o amarello, esta combinação successiva de brilhantes matizes produz o mais delicioso effeito, que se completa na primavera com o aroma inebriante das suas flores, que em toda a parte constituem a casta grinalda das noivas.

A' sombra d'esse laranjal ameno, acariciado na sua campa pelo perfume das suas flores, que lhe levaria de quando em quando o vento da primavera, ao agitar brandamente a tremula folhagem do arvoredo, e que se insinuaria subtil e suavissimo pelas fendas da pedra tumular, dormio tres seculos o grande vice-rei. Não podéra elle descançar, como Camões depois phantasiára n'essa ilha dos Amores coberta de laranjaes floridos, que foram sempre para os poetas meridionaes, desde que sonharam as Hesperidas, as florestas a cuja sombra reclinaram os seus heroes predilectos.

Descançava agora n'esse modesto e placido retiro, protegido piedosamente pela milagrosa imagem da Senhora das Reliquias, que a tradição affirma que foi encontrado n'um ramo de arvore; mas devia ter saudades o grande amirante dos acres perfumes em que vem impregnada a brisa marinha, devia ter saudades do longinquo rugido do Oceano e do doce murmurar das aguas do Tejo. Demais, já descançára bastante no ninho placido que escolhera, precisava de ir repousar emfim debaixo das arcarias solemnes do templo consagrado á sua gloria, entre os columnelos esguios que lhe lembrariam os mastros das suas naus descobridoras. O tumulo do convento das Reliquias devia ser para elle apenas como que o adito sereno e perfumado da sua immortalidade.

Devemos consignar aqui a narrativa de um facto curioso.

Dissera-se que os habitantes da Vidigueira, orgulhosos de possuirem os ossos d'esse immortal heroe, não queriam de modo algum deixal-os partir, que debalde se lhes promettera substituir essa sepultura, que deixaria de ser o tumulo das nossas glorias passadas, por uma escola em que se inscrevesse o nome de Vasco da Gama, e que poderia vir a ser o berço das nossas glorias futuras. A nada se rendiam, e, furiosos pelo roubo que se projectava, estavam dispostos até a defender á força de armas a sepultura do seu glorioso almirante. Espantados, mas ao mesmo tempo satisfeitos com essa prova de amor e de veneração por essa gloria nacional, iam os academicos dispostos a empregar todos os recursos da sua palavra para persuadir os habitantes da Vidigueira a cederem á patria essa honra suprema, a explicar-lhes que o nome da sua terra estava indissoluvelmente ligado ao nome de Vasco da Gama, e que o paiz, reclamando para o seu Pantheon os restos do grande homem, não queria nem podia tirar á Vidigueira a honra de ter sido a terra escolhida por Vasco da Gama para solar da sua familia e para descanço dos seus ossos; que Vasco da Gama seria sempre o conde da Vidigueira, e que os peregrinos, verdadeiramente enthusiastas por essas nobres recordações, depois de terem visitado o tumulo onde elle repousaria debaixo das abobadas grandiosas de Belem, não deixariam de querer visitar egualmento a modesta igreja onde elle descançou por tanto tempo, a terra onde residiu, as arvores, algumas das quaes talvez deram ainda abrigo e sombra ao heroe dos *Lusiadas*, como os admiradores de Napoleão I, apezar d'elle jazer debaixo da abobada dos *Invalidos*, não deixam de visitar commovidos o tumulo vazio onde perto de vinte annos repousou, acalentado pelo rugido eterno das ondas, á sombra do verdejante chorão de Santa Helena, esse homem prodigioso, em cujo cerebro ardeu, com mais intensidade do que nos outros, a luz da intelligencia humana.

Nada d'isso foi necessario. O povo da Vidigueira estava indignado, é certo, mas era porque se dizia que lhe queriam tirar de lá a imagem da Senhora das Reliquias. Essa é que os bons dos alemtejanos defenderiam com unhas e dentes; os ossos de Vasco de Gama eram-lhes completamente indifferentes.

E' claro que não nos referimos ao grupo de homens illustrados que se encontram na Vidigueira, mas aquelle povo miudo, que nada sabe infelizmente das glorias do nosso passado, nem conhece as esperanças viris do nosso futuro, servo adstricto á gleba pela corrente da ignorancia.

Entretanto o sr. Teixeira de Aragão fôra trabalhando activamente para que se podesse fazer a ceremonia solemne no dia 7, pois que no dia 8 deviam estar no Tejo os ossos de Vasco da Gama, afim de serem transportados comjunctamente com os de Camões, para a egreja de Belem.

Já mandára abrir a sepultura de Vasco da Gama, de forma que se podesse, com pouquissimo trabalho, extrahir do jazigo o que restasse do almirante. Ao mesmo tempo tratava de obter d'umas velhas freiras, que ainda viviam n'um convento da Vidigueira, uma imagem, que era, segundo a tradição, uma verdadeira preciosidade, a imagem da pôpa da nau *S. Raphael*, commandada por Paulo da Gama, que fôra ao descobrimento da India A nau despedaçára-se nos baixos, que tomaram d'esse desastre o nome de baixos de S. Raphael, mas a imagem do santo passára para bordo da nau de Vasco da Gama, acompanhára-o no resto da viagem, e seguira-o em todas as suas expedições, pela especialissima devoção que tinha com elle o grande descobridor. Contestou-se a authentecidade da imagem, por não se dizer no *Roteiro de Vasco da Gama*, que elle passou de uma para outra nau Não nos parece concludente o argumento. Uma das razões mais poderasas que temos para acreditar na authenticidade da imagem, é a sua curvatura, que não teria razão de ser, se não houvesse de se applicar á pôpa de um navio.

A devoção pueril das freiras utilisára o S. Raphael navega-

dor n'um mister, que elle não esperava de certo haver de exercer, depois de ter descoberto o caminho para as Indias, e encarregava-o de acompanhar o menino Tobias. Juntava-se pois á imagem do archanjo, inconvenientemente pintado no rosto com uma espessa carnação de massa, a imagem do pequeno judeu. Essa união cimentada por largos annos no altar da egreja das freiras, foi quebrada muito desceremoniosamente pelo illustre delegado da Academia e do governo. Tobias foi entregue ás freiras, e o archanjo Raphael, que ellas só pediam que lhes tratassem com o maximo cuidado, veio triumphalmente para a egreja da Senhora das Reliquias. Alli o encontraram já os outros socios da Academia quando chegaram ao antigo convento carmelita. Nenhum obstaculo pois se oppunha a que no dia seguinte se abrisse solemnemente o mausoleu para se tirarem os restos mortaes do sublime descobridor.

PINHEIRO CHAGAS.

UM DIA...

Não era a minha amada uma belleza,
Mas era bella, então, a nossa edade,
E lembro-me que um dia... na deveza...
Do tempo que passou resta a saudade.

Não era taciturna a minha amada,
Mas, ao vel a, tal susto me detinha
Que quasi sempre a sua bocca amada
E' que excitava as conflssões da minha...

Ella não tinha o coração de gelo;
Assim, com outro, ao meu amor fugia.
Agora choro o meu perdido anhello,
E lembro o caso da deveza... um dia...

F. BORGES.

LIVROS NOVOS

Impressões de leitura

O padre Senna Freitas, um valente polemista da raça de Veuillot, fustiga em 81 paginas, onde os vocabulos passam sibilando como projectis inflammados, o ultimo poema de Guerra Junqueiro, *A velhice do padre eterno*.

Diga-se já, sem mais delongas, que a proza do author do opusculo critico *Autopsia á Velhice do padre eterno*, é digna de medirse com o verso de Guerra Junqueiro.

Senna Freitas, sem tentar sequer a inutil e ingloria tarefa de contestar a supremacia do talento do grande poeta, condemna-o todavia sem attenuantes e procura flagelal-o nas aceradas puas da sua implacavel dialectica. Uma vez submettido á tortura, que está longe de ser um modelo de caridade evangelica, o critico pergunta ao poeta como é que um lyrico póde descer do azul sidereo onde pairam as aguias, até á ignobil blasfemia de Richepin e á sombria negação de Baudelaire.

Não raro, o estylo de Senna Freitas fulgura como o gladio do archanjo vingador.

Afigura-se-nos, porém, que a critica promovida contra a *Velhice do padre eterno* pécca pela base, ao deixar em silencio precisamente o lado mais fraco e mais vulneravel do poema.

Ao terminarmos a sua leitura, ao serenarmos os nossos nervos que acabaram de vibrar da profunda impressão transmittida pelos deslumbrantes alexandrinos de Guerra Junqueiro, pela sua luminosa poesia de uma harmonia olympica, uma pergunta afflue imperiosa aos nossos labios.

Vivemos nós, por desgraça, em uma epoca de fanatismo e mysticismo, por tal forma algemada a um governo theocratico e clerical, que precisemos de que a chamma de um talento revolucionario venha illuminar o sombrio carcere onde a consciencia geme sob o regimen do terror; carecemos nós de que nos arranquem ao perigo da nossa fé exaltada, da nossa convicção fanatica, para nos provarem que todos os deuses do nosso culto não passam de velhos idolos de barro e pichisbeque, que são falsas, pueris e erroneas todas as crenças da nossa ardente religião?

Não! mil vezes não!

Nós vivemos, pelo contrario, em uma epoca de profunda negação, de profundo indifferentismo, de duvida incuravel que nos penetra por todos os poros, gelando-nos o sangue, gelando-nos o cerebro, gelando-nos o coração e apagando até ao ultimo lampejo o sagrado fogo do enthusiasmo.

E se assim é, por nosso mal, se os deuses se retiram dos nossos desornados altares, se as crenças despregaram ha muito o vôo da nossa alma solitaria e triste, não seria preferivel que os poetas, em vez de esgrimirem quixotescamente contra suppostos inimigos, empregassem toda a opulencia do seu espirito creador, toda a fascinadora eloquencia da sua voz, todo o dominador prestigio da sua phrase musical, lutando, até prostral-a, com essa loba esfaimada que nos devora a existencia, a Duvida, substituindo-a por essa divina consoladora das nossas miseras dores humanas, a Fé?

Foi esta pergunta que em vão procurei no livro *Autopsia*, e que desejaria ouvir formulada no bello estylo sonoro e largo de Senna Freitas.

*

Historias da montanha, assim se intitula o livro do sr. Monteiro Ramalho, um livro vigorosamente colorido, escorrendo a robusta seiva montesinha, impregnado de aromas bucolicos; um bello livro, emfim, audacioso e sinceramente campestre, prejudicado apenas, em parte, por uma exagerada preoccupação de originalidade e de indisciplina no alinhamento e escolha dos vocabulos. E' evidente, porém, que o autor tem na sua palheta o fresco tom aveludado da relva, a doçura contemplativa da agua serpeando atravez dos meandros da veiga, a ineffavel quietação de um crepusculo coando o ultimo fulgor do sol moribundo por entre a folhagem miuda do arvoredo, o religioso aspecto da montanha perfilando no azul do céo as suas agulhas fantasiosamente arrendadas como as torres das cathedraes.

Em algumas paginas do livro de Monteiro Ramalho, a natureza canta e ri ao sol, em uma verdadeira orgia pantheista de borboletas que voam, de abelhas que zumbem, de passaros que gorgeiam, de flores que desabrocham e perfumam...

A edição nitida das *Historias da montanha* pertence aos srs. Lugan & Genelioux, livreiros portuenses successores de E. Chardron.

*

Traz-me o correio de Vizeu o numero unico de um jornal, *(Kermesse)*, publicado a beneficio do Asylo viziense da infancia desvalida e offerecido e dedicado á sr.ª Viscondessa de S. Caetano.

Quem, como eu, conheceu a sr.ª D. Eugenia Vizeu em Lisboa e guarda ainda na memoria a imagem d'essa elegante e formosa rapariga loira, sempre vestida de branco, de uma rara distincção aristocratica, apparecendo frequentemente nas primeiras aureolas de S. Carlos, nos bailes, nas salas, brilhando da triplice aureola da sua belleza, da sua mocidade e da sua intelligencia, mal pensaria encontral-a um dia como que sequestrada do convivio do mundo, divorciada da sociedade, occulta e invisivel no fundo do seu solar beirão!

Mas todos os que deixaram de ver Eugenia Vizeu, (hoje viscondessa de S. Caetano), sem por isso a esquecerem, sentem-a nos thesouros de caridade que ella espalha em torno de si e que são como que as perolas da sua alma engastadas no oiro extreme do seu fino espirito.

Ao tempo em que a sociedade de Lisboa perdia uma das suas estrellas, ganhavam os orphãos de Vizeu uma mãe extremosa.

Um dia, do coração d'esta senhora brotou como uma flor estranha a idéa inicial da Kermesse, protectora do asylo, o porto amoravel d'estes pequeninos naufragos da vida:—as creanças pobres. Desde esse dia, a infancia desvalida de Vizeu renasceu para uma existencia nova, emplumando ao calor dos braços que se lhe abriam, dos labios que a acariciavam, sorrindo-lhe ineffaveis ternuras, murmurando-lhe palavras de esperança e conforto e esquecendo nos jubilos alheios as proprias dôres, o soffrimento inseparavel de uma doença obstinada e implacavel.

O mal, porém, com ser cruel, não esfriou a caridade, nem obstou ao activo exercicio da tarefa emprehendida.

Ao jornal, commemorativo da Kermesse annual, desfolhado como um perfumado ramilhete de rosas aos pés da viscondessa de S. Caetano, affluiram por espontaneo impulso os nossos primeiros poetas: Thomaz Ribeiro, Bulhão Pato, Simões Dias e outros. E muitos, e todos, teriam ido levar-lhe a oblata de uma estrophe, se a tempo houvessem sido advertidos.

*

O titulo *Prosas simples* que o sr. Guilherme Gama deu ao seu livro de impressões e paisagens, um titulo modesto e sobrio, pre-

SARAH BERNHARDT

dispõe-nos agradavelmente para o facil percurso d'estas 238 paginas, que se lêem sem um enorme enthusiasmo, mas na amenidade tranquilla que não violenta a attenção.

Não será o estylo do sr. Gama que nos obrigará a pôr as célebres lunetas azues que Lamartine desejava para ler Paulo de Saint-Victor, um dos mais delicados cinzeladores da palavra que tem produzido a litteratura franceza.

A sua prosa não tem a menor pretenção a ser classificada no numero d'aquellas de que Chateaubriand dizia *que eram contagiosas e tingiam com as suas cores todos os espiritos.*

O sr. Guilherme Gama limita-se a escrever com singeleza e correcção, servindo-se (sem perder muito tempo a procural-o), do numero de palavras restrictamente necessario para exprimir o seu pensamento. Nenhuma gymnastica de vocabulos, nem um assomo da *jonglerie* palavrosa de que estão hoje usando e abusando a maioria dos escriptores novos, que procuram no feitio chinez da phrase o caminho do successo. Por vezes, aqui e alli, algumas paginas das suas narrativas, quasi todas passadas no campo, na vasta tela da natureza alpestre, esmorecem um pouco e como que se apagam na tonalidade geral, de uma serenidade ininterrupta, que pesa sobre o livro.

Mas em compensação, como a gente agradece do intimo da alma a este narrador despretencioso o permittir-nos que descancemos nas suas desartificiosas paginas da fadiga, quasi dolorosa, que nos impõem os prosadores modernos, os desvairados imitadores de Guy de Maupassant, Maizeroy e um pouco tambem de Zola, não obstante Zola ser o mais sobrio e comprehensivel de todos os romancistas actuaes.

O excesso de colorido d'elles, a exuberancia de adjectivação e o abuso dos adverbios, que se estiram sem cessar, como lazaronis dormindo ao sol, ao longo da prosa dos novos, fazemnos achar um prazer em leituras que, como esta, não submettem o nosso espirito ao vertiginoso e derreador exercicio dos jogos malabares.

A edição das *Prosas simples*, um primor typographico como todas as edições portuenses, pertence aos srs. Magalhães & Moniz.

*

Aguarellas & Aguas fortes, uma edição encantadora, transmittindo-nos logo uma d'estas impressões que nos captivam em um olhar, antes mesmo de nos conquistarem pelo brilho d'esse solitario sem preço, que se chama talento.

E para encontral-o, a Esse que a despeito dos falsos desdens d'aquelles que o não possuem, ha de ser sempre o eterno triumphador, basta-nos abrir o elegante volume.

Deuses! quando a gente pensa que o fino artista, vibrante de sensibilidade, das *Confidencias*,—a primeira e a mais valiosa serie das *Aguarellas*,—é o endemoninhado *Vampiro* do *Jornal da Noite*! ..

Não porque as gazetilhas de *Vampiro* não sejam, por vezes, um primor de espirito e de graça espontanea. Mas porque entre a banalidade do assumpto diario, a que *Vampiro* procura arrancar todas as noites, em oito ou doze versos, um aspecto comico, e o lyrismo delicado e balsamico das *Aguarellas & Aguas fortes*, existe um abysmo, que só o imaginoso talento de Acacio Antunes conseguiu encher com as flores da sua devaneadora mocidade.

A' similhança de Armand Silvestre, um moderno poeta francez de um parnesianismo tão subtil e perfumado que lembra, não raro, Coppée, o mais parnasiano de todos elles, ha no talento de Acacio Antunes duas phisionomias inteiramente diversas, e para o reconhecermos, bastará passar pelos olhos qualquer das satyricas gazetilhas do *Jornal da Noite*, depois de havermos aspirado, inebriados, os perfumes estonteadores que se exhalam d'esta especie de templo pagão, coroado de rosas, onde o poeta ergueu no altar dos seus cultos o Deus de todas as regiliões e de todas as epochas, o Amor!

E' ainda o lyrismo subjectivo, o pobre lyrismo calumniado que se vinga, obrigando-nos a adoral-o, a reconhecer-lhe o irresistivel e seductor encanto, que nenhuma poesia philosophica, militante ou satanica conseguiu ainda attingir; é ainda o lyrismo, respirando desafogadamente e sem medo por todas as rimas d'estas limpidas estrophes, de um corte vigoroso e flexivel, que empresta ao livro de Acacio Antunes o prestigio da sua belleza immortal.

Quatro estrophes, colhidas na *Ave Maria*, uma obra prima de sensibilidade e de execução, e ellas definirão, (o que em vão tentei fazer), a individualidade do poeta:

Bemdita sejas tu, ó minha amante,
Que me consagras todos os momentos,
Que em mim depões todos os pensamentos,
Doce visão que eu vejo a cada instante,
Bemdita sejas tu, ó minha amante!

O teu corpo franzino e delicado
Tem o meu braço intrepido e leal;
Largasse-te eu, meu vaso de crystal,
Cahiria no chão despedaçado
O teu corpo franzino e delicado.

Meu anjo de bondade incomparavel,
Que procuras, sorrindo-me, n'um beijo
Adivinhar o meu menor desejo,
Para logo o cumprir submissa e affavel,
Meu anjo de bondade incomparavel!

Bemdita sejas pois, por me fazeres
Gosar tanta ventura n'este mundo,
Por esse amor dulcissimo e profundo,
Pela terna affeição com que me queres,
Bemdita sejas tu entre as mulheres!

Guiomar Torrezão.

D. IGNEZ DE CASTRO EM AZEITÃO

Entre os palacios celebres de Azeitão contam-se ainda o das Torres, que foi propriedade dos condes de Murça; o do conde de Pavolide, que um incendio reduziu a cinzas quando este fidalgo o habitava, e que depois veiu a pertencer ao conde de Valladares; o dos Cezares, senhores de Sabugosa, que é actualmente de D. Francisco de Sousa; o de Alcube, que pertencia aos Mellos, porteiros-móres, e pertence agora a Joaquim Filippe da Silva; finalmente, o do Salinas, que foi mandado edificar por D. Constança, mulher de D. Pedro I.

A respeito d'este palacio, eu tenho que recordar a historia dos tragicos amores de Ignez de Castro, e de deslocar um pouco para o palacio do Salinas, a acção d'esse celebre poema de amor e de lagrimas, que até hoje tem tido unicamente por proscenio os salgueiraes do Mondego.

Coimbra vae talvez protestar, a quinta das Lagrimas vae talvez querellar de mim, a Fonte dos Amores vae por certo amaldiçoar-me em nome das suas tradições lendarias. Mas que tenha paciencia a cidade, a quinta e a fonte. Quero-lhes muito, mais á sua chronica amorosa, mas nem por isso quero menos ás minhas conjecturas historicas, tendentes a deslocarem para Azeitão uma parte, ainda que seja insignificante, dos amores de Ignez de Castro com o infante D. Pedro.

Em que me fundo eu para fazer taes supposições?

Vou dizel-o. Que o palacio do Salinas pertenceu a D. Constança, não o posso duvidar. Possuo copia de um documento extrahido do tombo da freguezia de S. Lourenço de Azeitão (vol. I a pag. 19), que seria interessante publicar na integra, mas que, para não enfadar o leitor, apenas extractarei na parte que mais directamente respeita ao assumpto de que estou tratando. Diz assim:

«D. Fernando polla graça de Deos, Rey de Portugal e dos Algarves, a vús Juizes de Cezimbra e a todolas outras minhas justiças que esta carta virdes, saude. Sabede que Antão Gracia, prior de buscas, e provedor dos bens que pertencem ao testamento da Infante *Dona Constança*, minha Madre, a que Deos perdôe, me disse que porque na dita villa de Cezimbra não faziam concelho, salvo de oito em oito dias, e ás vezes aos quinze dias os cazeyros, lavradores e foreiros da *minha quinta de Azeitão*, que é na Aldeia Nogueira, termo d'essa villa, a qual pertence ao *testamento da dita minha Madre*... etc.»

Posto isto, que não deixa duvidas quanto a ter sido o palacio do Salinas propriedade da infanta D. Constança, recordemos que fôra outr'ora Azeitão o logar de eleição da melhor nobreza do reino, decerto attrahida porque uma parte da côrte, nada menos que o herdeiro da corôa e a sua casa, ia de preferencia veranear, n'aquelles sitios pittorescos, onde o coração amoroso do infante respiraria porventura mais livremente. E que logar tão bem fadado para espairecer tribulações de um coração que, como o de D. Pedro, se via confrangido entre o dever e o amor, entre o ciume da esposa e a formosura da loira Ignez.

Sombras placidas por toda a parte. Festões de verdura engrinaldando as arvores, de campo a campo. Perto, a serra da Arrabida contemplando scismadora o vasto mar, tão predilecto de corações namorados. Ao fundo do horisonte, esboçando-se no azul do ceu como n'uma tela longinqua, Lisboa, e a sua alcaçova moirisca dominando o Tejo ora limpido como a saphira ora revolto como o oceano.

Sabe-se que os amores do infante com a bella castelhana principiaram logo que ella entrou em Portugal fazendo parte da comitiva de D. Constança; sabe-se que esta infeliz princeza adivinhou desde logo, com a sua delicada intuição de mulher e de esposa, a secreta attracção que prendia o coração do marido ao da aia; sa-

UM PASTOR DA PROVENÇA

be-se que procurou oppôr uma barreira de escrupulos aos amores, que ella adivinhara, convidando Ignez de Castro para madrinha do infante D. Luiz, que morreu menino.

Sabe-se, pois, quando a paixão do infante começou; sabe-se que D. Constança tinha um palacio seu em Azeitão; que em Azeitão a nobreza de Portugal passeiava de prefencia os seus ocios, edificando, para maior regalo, palacios sumptuosos; sabe-se que n'aquelle tempo a côrte portugueza fluctuava de terra em terra, chegando a hospedar-se em casas particulares, que não podiam offerecer-lhes tantas commodidades quantas as de uma casa privativa, como a de D. Constança em Azeitão.

Sabido tudo isto, e que Azeitão está apenas a dez kilometros da margem esquerda do Tejo, não me parece que possa ser capitulada como sonho tresloucado de imaginação romantica a supposição de que o infante D. Pedro por ali ensinou, tambem, aos montes e ás hervinhas, o nome que tinha escripto no peito.

Eu bem sei que as filhas do Mondego, que longo tempo memoraram, chorando, a sorte escura de Ignez, vão ficar furiosas contra mim, e que eloquentemente apontam para a fresca fonte que rega as flores, e que chora lagrimas. Bem sei, minhas senhoras, e é certo que tenho por vossas excellencias, e pelo seu poetico papa, o mais profundo respeito; mas podemos chegar a um accordo, que não prejudica ninguem e que, pelo contrario, a todos deixará satisfeitos. Conviremos em que o quinto acto do drama se passasse ahi, em Coimbra, junto ao convento de Santa Clara, mas admittiremos que qualquer dos outros actos, o segundo ou o terceiro, por exemplo, se passasse ali, em Azeitão, onde D. Constança tinha um palacio, como vimos, e onde a nobreza d'estes reinos gostava de estar, gosando o deleitoso do sitio e a amenidade do clima.

Filhas illustres do Mondego, lembrai-vos de que mais vale uma ruim conciliação do que uma boa demanda, e eu estou disposto, firmemente disposto, a pleitear em favor de Azeitão uma parte dos amores de Pedro I com D. Ignez de Castro.

ALBERTO PIMENTEL.

PALOMA

Era na vespera de S. João...

O luar parecia pendurar-se dos oiteiros n'uma especie de nevoeiro luminoso. As raparigas cantavam, bailavam, e saltavam as fogueiras no quinteiro. Tudo era alegria, franqueza, festa. Ficava perto o laranjal e a janella de Paloma, que tambem andava nos folguedos. Quem era Paloma? Uma rapariga do sitio, meiga e formosa, filha natural do morgado.

Certo almocreve da raia, que costumava passar pelo logar, não podia ouvir chamar-se-lhe Comba, que era o nome d'ella. Meneava a cabeça e replicava corrigindo:

—Paloma.

Explicada pelo almocreve a significação da palavra, ninguem lhe chamava d'outro modo. Dizia-se sempre—a Paloma. A Paloma era ella.

O morgado, cuja casa estava consideravelmente esbanjada, não pensou em educar a rapariga, mas o abbade, coração nobilissimo, encarregou-se de lhe lustrar o espirito com certa instrucção litteraria e religiosa. Era coherente este morgado—como todos os morgados. Não dava á filha o que lhe não deram a elle—cultura.

Não sei se as pombas são tristes; ella era, e muito. A's vezes, do fundo sombrio do laranjal, rompia uma canção melancolica.

Era ella que cantava; era o arrulhar da Paloma.

* * *

Amaria?

Amava, sim.

Porque? Porque cantava.

Um caçador d'uma aldeia distante viu-a d'uma vez n'uma feira. Ella viu-o tambem. Amaram-se, isto é começaram a soffrer. O caçador era filho d'um empregado do concelho, e estava destinado para uma prima rica.

O morgado tinha d'olho o feitor da casa para lhe dar a mão de Paloma.

Viam-se poucas vezes, que o morgado trazia espiões, mas escreviam-se bilhetinhos e trocavam-se flores por um pastorsito que passava ali com o seu rebanho.

Isto era meio fallar e meio ver. O resto dizia-o ella nas trovas, e elle no errar por serras d'onde podesse avistar a aldeia.

* * *

Chegára a primavera. O laranjal estava opulento de sombras e de murmurios. Parecia-se com o coração de Paloma, que tambem tinha nuvens e canticos,—nuvens de lagrimas, canticos de saudade.

E todavia estavam ambos em plena primavera. Paloma tinha vinte annos; o laranjal engrinaldava-se com as folhagens de maio.

As trovas eram cada vez mais saudosas... Compunha-as ou ensinaram-lh'as? Lera-as de certo n'algum livro de saudades... A toada melancolica, essa, era d'ella.

Porque não havemos de ouvil-a suspirar? Calaram-se os rouxinoes; canta ella:

Dizem que uma folha verde
Não se despega, não cae!
Pois a esp'rança que se perde,
Não é verde, e não se esvae?

Toda a esp'rança tem seiva,
E quando a impelle o suão,
Mais ella se abraça á leiva,
Mais se prende ao coração...

Vive toda a esp'rança verde,
Verde até que alguem a côrte...
Toda a seiva deixa e perde
Na mão que lhe trouxe a morte.

A rosa da minha trança
Cae já depois d'amarella.
Morre inda verde a esp'rança,
Não se parece com ella...

Ai! como a esp'rança se perde,
E foge d'alma n'um ai!
Não digam que a folha verde
Não se despega, não cae...

E o que ficava por dizer conglobava-se n'uma unica nota, n'um *ai* agudo e vibrante.

Era a esp'rança que fugia...

* * *

Destinára o morgado que se realisasse o casamento no dia de S. João. Estava á porta o mez de junho, o das festas, das noites de cantigas e de bailaricos.

Paloma, a costurar no escasso enxoval, parecia mais uma viuva do que uma noiva. A agulha, como se fosse de chumbo, não voava; é que o braço cahia inerte as mais das vezes...

E todavia cantava...

Quando o abbade passava perto lhe conhecia a voz magoada, ia murmurando com os olhos marejados de lagrimas:

—Pomba ferida!

D'uma vez, morgado e abbade encontraram-se, e descahiu a conversa no casamento de Paloma.

—Casar por calculo, disse o parocho, é architectar o futuro sobre o mau sentimento da ambição...

—E que será — contestou o morgado — edificar sobre a pobresa?

—E' confiar em Deus.

O morgado sorriu-se; o abbade apartou-se.

* * *

Todos os dias, ao entreluzir da manhã, passava na aldeia o pastorinho com o seu rebanho; Paloma via-o e recebia a occultas a mysteriosa correspondencia.

O pegureiro ia seguindo seu caminho; Paloma ficava a chorar. O que teria ella?

Lia palavras de desconforto e saudade, e mais que nas palavras lia nos vestigios das lagrimas que mareavam o papel.

—Sempre te casas no dia de S. João? perguntavam-lhe as raparigas.

—Sempre.

—Que lindo dia! Deves ter cordeiro nas bodas.

Paloma não respondia. D'ahi a pouco, quando o rebanho do pastorinho andava pendurado das alturas d'uma serra proxima, começava ella a cantar:

Dizem que uma folha verde
Não se despega não cae!
Pois a esp'rança que se perde
Não é verde, e não se esvae?

* * *

Chegou finalmente a vespera de S. João.

Alvoroçou-se a aldeia. As raparigas doidejavam. Porque? Porque dizem que esta noite tem condão, e andam no ar uns philtros amorosos que embriagam...

O morgado e o feitor vieram assistir ás fogueiras. Paloma veio tambem, mas não dançava, nem cantava, nem sorria...

—Que noiva!—cochichavam as raparigas.—Que noiva!

—Não saltas as fogueiras, Paloma? perguntou uma.

—Hei de saltar.

—Quando?

—Mais logo...

E crepitavam as chammas e rompiam vozes em côro:

S. João, olhae que as moças
Não vos accendem fogueiras,
Porque vós não as tiraes
Do estado de solteiras.

D'ahi a momentos nova pergunta:

—Não vens?

—Já vou.

—Olha que a noite foge-nos...

—Bem sei.

* * *

Paloma affastou-se por um momento. Entrou em casa, foi direita á sua arca, e conchegou do seio um macinho de cartas e de flores seccas.

Depois voltou ao quinteiro.

Havia já no levante uma vaga claridade que annunciava a aurora.

—Viva a noiva! gritou uma rapariga.

—Agora é certo! clamáram muitas.

—Has de saltar. Nem pareces noiva!

—Antes que morram as fogueiras...

—Emquanto não sae o dia.

E recomeçaram as danças, os saltos, as trovas—o delirio.

Paloma parecia subitamente alegre, doidejante, febril. Ninguem bailava melhor!

—Viva a noiva!

De repente ella, ao crusar as chammas, soltou um grito agudo e lacerante.

—Que é? conclamou a multidão.

—Não é nada... Saltou-me lume ao braço.

Ao coração, devia ella dizer. N'esse momento tinha deixado cair á fogueira as cartas e as flores seccas; sepultára nas chammas os restos do seu amor...

ALBERTO PIMENTEL.

AS NOSSAS GRAVURAS

PRINCIPE AMADEU, DUQUE DE AOSTA

E' filho de Victor Manuel e neto de Carlos Alberto—dois heroes, dois valentes, duas figuras da maior evidencia no meio do turbilhão transformador do seculo XIX. E' membro illustre d'essa dynastia que realisou, no nosso tempo, o memoravel facto historico da unidade da Italia pela hegemonia do Piemonte.

A hereditariedade affirma-se-lhe nobremente no typo e no caracter. Impõe-se-nos assim que o vemos. Ganha-nos a admiração e o respeito.

O facto mais notavel da sua vida é a sua breve passagem pelo throno de Hespanha, onde foi collocado pela eleição dos representantes d'aquelle paiz.

Desde 1812—a revolução de Cadiz, a 1868,—a batalha de Alcoléa, que o visinho reino se debatia no circulo vicioso da guerra civil, na lucta da liberdade com o absolutismo, sem poder realisar, na plenitude dos seus effeitos, o systema monarchico constitucional, ainda quando vigoravam constituições e o parlamento limitava o poder real. Como consequencia d'esta anarchia, deu-se a desthronação da rainha Isabel, e Prim, o homem dominante, entendeu que só a monarchia era conveniente ao estado social da Hespanha.

Depois de muitas luctas e intrigas, que não nos importa lembrar minuciosamente, triumphou a candidatura do Principe Amadeu de Saboya, que entrou em Madrid, a sentar-se no throno de S. Fernando, em seguida a ser assassinado o Marquez de los Castillejos. Como se o punhal do inimigo o não podesse ferir cobardemente, atravessou a cidade, e entregou-se á espinhosa missão para que fôra chamado. Os assassinos procuraram tirar-lhe a vida, mas elle, como um valente, com mais empenho ainda se entregou á intenção de harmonisar o reino. Vendo que o não conseguia, abdicou, quando conheceu que as circumstancias determinavam a opportunidade, e esta resolução foi applaudida como um grande passo politico.

Tal é o Principe que esteve ha pouco entre nós, a assistir ás festas do casamento de seu sobrinho, o principe D. Carlos.

*

Amadeu-Fernando-Maria nasceu em 30 de maio de 1845; é filho de Victor Manuel e da rainha Adelaide. E' um distincto official e tornou-se notavel pelas brilhantes provas que deu de valor militar, na batalha de Custozza em 1866, recebendo, á frente da sua divisão, uma ferida na cabeça. Casou, em 1867, com a princeza della Cisterna, de quem hoje é viuvo.

Dizem os seus biographos, que o principe Amadeu é de costumes irreprehensiveis, amigo da ordem, de espirito conservador e recto.

SARAH BERNHARDT

Uma alma grandiosissima d'artista dentro d'um corpo diaphano e franzino de mulher.

Escreveu um dia o *Figaro*, que Sarah Bernhardt, quando está a ler um livro e quer marcar a pagina, se mette dentro d'elle, e o fecha depois.

Parece, porém, que a distincta artista protestou contra todos os epigrammas e referencias á sua magreza, porque, quando ultimamente esteve em Lisboa, de passagem para o Rio de Janeiro, o seu physico não era o da mesma mulher que admirámos em 1882, no Gymnasio. Sarah Bernhardt, a incomparavel D. Sol e a inimitavel Margarida Gauthier, não está tão magra como quando pela primeira vez a vimos; a lenda da sua magreza extraordinaria acabou. A gloriosa interprete do *Froufrou* já não tem a celebridade da linha, mas resta-lhe a do genio, que é enorme.

*

A historia da vida de Sarah é a da sua gloria. Começa no theatro; tudo o mais é insignificante e limita-se a dizer que é filha de uma israelita hollandeza e que fôra educada n'um convento, onde levava as noites a sonhar com os deslumbramentos do palco.

Um dia, as portas do convento abriram-se para a deixar sahir, e Sarah, sem olhar para traz, correu para o theatro, onde a esperava a gloria com o seu beijo de fogo.

UM PASTOR DA PROVENÇA

Por unicas companhias, tem o seu cão fiel e o seu rebanho irrequieto.

Com elles vive, sosinho, peregrinando por montes e valles, sem que, durante longos dias, veja sombra de gente. O ruido alegre das povoações e os descantes das raparigas formosas não se ouvem n'aquella solidão das serranias.

O sino da aldeia distante não lhe envia, atravez o espaço, o meigo som dos seus toques festivos. As brisas do sol posto não lhe levam no regaço uma palavra affectuosa de ninguem.

Durante o dia vagabundeia pelas montanhas, rasgando os pés nas urzes dos caminhos, á torreira de um sol abrazador, ou com o corpo gelado pelas frias chuvas do inverno.

Por alimentos, tem o pão negro e endurecido, que de longe em longe lhe levam, e a agua crystallina dos regatos que serpentêam nos valles. Por vestuario, um esfarrapado e misero gabão, que mal o cobre, uma pelle de carneiro que algumas vezes lhe serve de cama, e um amplo chapeu. Por distracções, a sua rude flauta campestre, o seu alvo rebanho buliçoso, o infinito em que á tarde crava os olhos prescrutadores, e as estrellas scintillantes do ceu, que á noite o allumiam. Nada mais.

Se lhe perguntarem:—Vives feliz? responderá talvez affirmativamente, desfranzindo os labios vermelhos n'um sorriso alegre, e dizendo que nada lhe falta, nem o acre aroma das flôres silvestres, que innebria, nem o ar puro dos campos, que vivifica, nem a luz do sol, que avigora e aquece.

Se forem dizer-lhe que troque a solidão monotona e tristonha dos montes pelo bulicio das cidades e das villas, é possivel que não queira. Consagra ás suas ovelhas, brancas de neve, um affecto profundo e entranhado; aquella existencia errante de bohemio, por caminhos pedregosos, tem para elle um encanto suavissimo, que nada n'este mundo egualá.

E, todavia, reflecte-se no seu limpido olhar o intenso fulgor que irradia de vinte primaveras gentis, frescas como o orvalho da madrugada, risonhas como um cantico de ave. Dentro do peito pulsa-lhe um coração, que a lepra das paixões ruins não poude corroer ainda. Aquella fronte emmoldurada em formosissimos cabellos pretos e annelados, era susceptivel de fazer accender paixões... mas elle não ama ninguem, não quer abandonar o seu redil, a sua cama de palha, o seu adorado rebanho.

Ha-de envelhecer nas montanhas ao lado d'elle, ouvindo balar as ovelhas que estremece, e cantar o rouxinol que todas as manhãs o desperta do seu somno tranquillo.

ARTILHEIROS CHINEZES

ARTILHEIROS CHINEZES

As fortificações chinezas estão hoje mais bem artilhadas do que nunca; vêem-se ali bellos Krupp modernos, substituindo as peças fundidas pelos jesuitas em Pekin, no seculo passado. Mas, á medida que as boccas de fogo da China melhoram em qualidade, os artilheiros conservam-se os mesmos, rebeldes a tudo quanto seja progresso militar.

Alguns d'elles, segundo rezam as chronicas, até teem medo de disparar uma peça; e a respeito de conhecimentos ballisticos, acham-se ainda no estado primitivo.

Com caras semelhantes áquellas que a nossa gravura representa, não admira.

O PALACIO DAS CORTES, EM LISBOA

A primeira casa conventual que os Benedictinos tiveram em Lisboa foi edificada no sitio chamado hoje Largo da Estrella. Concorreu para a sua construcção o cardeal infante D. Henrique, a quem o abbade geral e reformador da ordem, frei Pedro de Chaves, propoz a fundação de um mosteiro de S. Bento, em Lisboa. Até então, os monges d'esta ordem, que tantos conventos tinham edificado nas provincias de Portugal desde o seculo XI, não possuiam casa na capital. Levou dois annos a fabricar a egreja, com acommodações para trinta monges; e foi na noite de Natal de 1573 que n'ella se celebrou a primeira Missa.

Em 1597, porém, resolveram os benedictinos, em capitulo geral, fundar um outro convento, que mais proximo ficasse da cidade, e em sitio mais benigno que não o da Estrella, por ser continuamente mui castigado pelos ventos que ali circulam. Não dista muito o logar escolhido para esta segunda fabrica; mas, não obstante, avantajava-se ás condições da primeira, porque, por uma parte, se póde dizer que ficava no campo, condição requerida pela profissão da vida monachal; e por outra, como estava muito proximo da cidade, mais facilmente podiam os habitantes visitar a egreja e procurar os padres do convento. Tomou conta da obra o celebre architecto Balthasar Alvares, que tanto se tinha já distinguido em muitas obras de vulto; e levantou-se o edificio de S. Bento, tal como o vemos, e não como deveriamos vêr, porque uma parte ficou em desenho. Foi superintendente o padre frei Pedro Quaresma, o qual, sendo geral da congregação o mui reverendo frei Balthasar de Braga, deu principio á obra no anno de 1598.

Tudo parece, pelo menos para a época d'esta grandiosa fundação, apropriado e previdente no traço geral do edificio, em cuja frente se estende um vasto largo, para dar logar a muitas carruagens, cercado n'esse tempo de um muro com duas portas, que de noite se fechavam e uma das quaes olhava para o frontispicio da egreja, e a outra, collocada a um lado da frontaria, olhando para o sul.

Todos conhecem o edificio de S. Bento, por isso achamos prolixo e superfluo descrevel-o.

Este edificio foi um dos raros que o horrivel terremoto de 1755 respeitou completamente. As modificações que hoje apresenta são poucas e datam de 1834, em que, pela extincção das ordens religiosas, se destinou o convento para palacio das côrtes, arborisando-se parte do largo, que em 1852 se terraplenou, e fazendo-se-lhe a bella cortina, que hoje vemos, com os dois largos e magestosos lances de escadaria de pedra, para a rua de S. Bento.

No extincto mosteiro tambem se acha o archivo nacional, ou torre do tombo, que, do Castello de S. Jorge, para ali se mudou em 1755; e a repartição geodesica e topographica do reino.

A nossa estampa dá, pouco mais ou menos, uma idéa d'este notavel e historico edificio.

DOIDO

Uma noite apontaram-m'o na rua,
uma noite em que toda a natureza
em de redor sorria, e na grandeza
do firmamento deslisava a Lua...

Pairava na marmorea boca sua
immutavel sorriso de desdem...
E' um homem, pensei; vive, porém,
por força, que em tal cer'bro nada actua.

Passado tempo e n'uma madrugada
em que, a sós, tinha ido visitar
dos que amei, a tristissima morada,
junto á valla commum fui deparar
com elle, que exclamava:—O' filha amada,
ó querida filha!»—E vi-o então chorar!

AUGUSTO DE LACERDA.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

NOVISSIMAS

(A M. A. J.)

Este appellido na musica é um rio—1—1.
Este oceano acaba n'esta preciosidade—1—1.
E' custoso este nome n'esta mulher—2—2.
E' immenso este appellido n'este fructo—1—2.

Porto. A. J. DA SILVA MELLO.

Nota com juizo este appellido—1—2.
Em Lamego é aspero e agreste—1—2.
Tenho na minha patria esta moeda antiga—1—2.
Este espirito corre em casa—2—2.
Instrumento, preposição e villa—3—1.
Em Vizeu ha uma nota e um rio—2—1

Lamego. A. D'AZEVEDO.

EM VERSO

Ao caro leitor,
Eu já vaticino
Nome feminino
Aqui, sim senhor.—3

E, p'ra terminar,
Encontra appellido
Muito conhecido
Se bem procurar—2

E' mui natural
Que, se fôr unido
O nome ao app'lido,
Deem vegetal.

MATHEUS JUNIOR.

(Ao ex.mo sr. José D. R. Tavares, distincto charadista de Estremoz)

Grave, melodioso, bem pausado,
E' um gosto ouvil-o.—1
Em delicado pé, sendo apertado,
Póde até feril-o.—1

E' antigo costume dar conceito
No fim da charada,
Mas eu agora não estou com geito
Para fazer nada.

Mas emfim, é preciso que me afoite,
Se o quizer fazer;
Bem, lá vae: é um Deus filho da Noite,
Só posso dizer.

Castello Branco. XAVIER RODRIGÃO.

Logogriphos

Nome de homem—1, 3, 4, 2
Nome de mulher—3, 4, 5, 6, 1
Nome de homem—5, 7, 3, 4, 5 6, 7
Nome de mulher—3, 1, 5, 3, 1, 5, 1
Nome de homem.

Lamego. A. D'AZEVEDO.

(Em acrostico)

D evéras nos desespera,—3, 7, 6, 5, 4, 8
E m respeito conduzido,—9, 2, 8, 5, 4
C erto fructo conhecido,—4, 5, 6, 9, 2
I ndicando-nos semente;—6, 9, 6, 5, 2, 1
F elizes torna os artistas,—2, 5, 6, 7, 1, 3, 9
R egala os procuradores,—3, 7 6, 9, 2, 8, 1
E motiva dissabores,—3, 1, 6, 2, 5
M esmo que nos alimente.—6, 7, 4, 7, 2, 8, 1

E digo em boa verdade:
S em o auxilio de Perseu,
T 'ria, como Prometheu,
E m tratos pago a vaidade.

MATHEUS JUNIOR.

Aos logogriphistas da *Illustração* — Premio «*Vistas de Cintra*»

A Gervasio da Silva Netto—Marinha

14, 3, 4, 7, 9, 4, 20, 5, 11, 2, 25, 24, 26 —plantas— 2, 15, 4, 12. 24. 4, 10. 7, 11, 14, 20. 9, 17
19, 14, 6, 6, 14. 8, 12, 9, 25, 11, 19, 22 — » — 22, 24, 25, 3, 16, 5, 6, 5, 4. 19, 20, 26
6, 17, 4, 16, 14, 21, 4, 2, 11, 16, 2 — » — 23, 9, 7, 13, 2, 6, 19, 14, 20. 9, 17
26, 11, 16, 19, 5, 4, 2, 9, 5, 13 —plantas— 17, 24. 17, 6. 10, 17, 3, 16, 24, 12
17, 11, 16, 19, 2, 9, 25, 4, 7 — » — 2, 15, 4, 7, 24, 18, 20, 7, 26
8, 10, 15, 16, 5, 9, 16, 26 — » — 26, 8, 9, 5, 16, 17, 11, 5
4, 22, 9, 6, 25, 11, 22 — » — 17, 23, 14. 24. 17, 16, 5
12, 11, 26, 23, 9, 26 —plantas— 3, 2, 13, 14, 16, 20
23, 17, 6, 10, 12 — » — 8, 2, 16, 14, 6
13, 2, 11, 2 — » — 4. 20. 18. 12
1, 4, 17 —plantas— 18, 12, 26
6, 5, 16, 7 — » — 17, 6, 9, 7
26, 21, 16, 14, 9 — » — 4. 12, 3, 16. 5
4, 24, 22, 4, 4, 22 —plantas— 26, 10, 1, 20, 9, 25
18, 2, 6, 10, 16, 9, 14 — » — 22. 11, 4. 12. 16. 20, 22
4, 19, 25, 4, 7, 24. 25, 17 — » — 8, 2, 9, 8, 2, 9, 25, 21
22, 4, 24, 7, 13, 16, 20, 4, 26 — » — 23, 11. 22. 1, 19, 22, 6, 10, 12
22, 8, 5, 8, 5, 24, 14, 20, 9, 22 —plantas— 4, 12, 11, 4, 19, 14, 6, 6, 7, 3
15, 14, 24, 1, 14, 11, 16, 17, 24, 10, 26 — » — 23, 22, 6, 6, 7, 4, 9, 10, 21, 16, 22
17, 9, 20, 13, 16, 7, 6, 12, 4, 19, 25, 17 — » — 23, 9, 26, 12, 8, 24, 2, 16, 26, 11, 19, 26
1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 —plantas— 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26

A João Carlos Monteiro Torres

Leiria. — J. VERISSIMO A.

Enigma (salto de cavallo)

(Por syllabas)

ner	é	tam	vi	de	el	vi	des
l'o	li	se	u	cção	da	te	fi
de	*Ja*	da	bem	só	po	da	con
de	sé	da	ou	ma	por	ser	men
za.	mas	to	por	obs	mo	cter	cul
pe	fi	in	co	òu	das	da	de
as	re	tem	men	se	ti	fi	ra
A ¹	ra	sim	tei	dif	ca	po	na

Principia na casa 1.

Porto. — M. M, & M.

Problema

Tire-se d'um tonel $\frac{1}{3}$ do vinho que elle contém, substitua-se por agua, e repita-se esta operação mais quatro vezes, no fim das quaes o tonel contém ainda 32 litros de vinho. Pergunta-se quantos litros de vinho tinha o tonel no principio?

MORAES D'ALMEIDA.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Mortalha—Maneta—Carolina—Valenciano—Diolinda—Senador—Boticario—America-Parametro.

DOS LOGOGRIPHOS:—Milton, o *Paraiso Perdido*—Pericarditis—Portugal.

DA CARTA ENIGMATICA:—Reportorio.

A RIR

N'um jantar d'annos:

O acaso faz com que um *irresistivel* se assente junto d'uma quarentona gorda e picante.

Emquanto servem a sopa, o Tenorio pisa ligeiramente os pés da sua visinha. Esta ruborisa-se e retira-os.

O nosso homem então inclina-se ao ouvido da mimosa pudica e diz-lhe:

—Não a julgava tão refractaria ao amor!

—Não é isso, responde ella; é que calcei hoje sapatos novos.

*

Confidencias muito intimas de duas mundanas:

—Então, o teu marido perdoou-te da primeira vez?

—Sim.

—E' que era um bello homem. O meu só me perdoou á quarta!

*

Entre amigos:

—O' homem! tu repetes sempre as mesmas historias!

—Bem sei; é para que me não esqueçam.

UM CONSELHO POR SEMANA

As unhas bonitas e bem tratadas são indispensaveis a uma bonita mão. E', portanto, necessario evitar cuidadosamente tudo quanto possa partil-as ou sujal-as.

As unhas devem cortar-se o menos frequentemente possivel, e quando se aparam, deve dar-se-lhes a forma oval. Se estiverem manchadas, podem ser limpas com summo de limão, lavando-se em seguida com agua morna, porque a sua substancia altera-se facilmente ao contacto dos acidos.

Quando apparecem espigões junto das unhas, devem cortar-se estes logo, o mais rente possivel da epiderme, esfregando o sitio por elles occupado com um pouco de *cold-cream*.

Se as unhas forem seccas e quebradiças, evite-se o approximar as mãos do fogo.

A pelle que rodeia a base das unhas estende-se ás vezes um pouco por ellas. Aconselhamos as nossas leitoras a que não a cortem, porque cresceria depois muito mais.

O S. JOÃO NOS AÇORES

Os povos insulanos festejam tambem com entranhado ardor o S. João. E' a epoca de veranear, e é curioso ver n'umas ilhas

pequenissimas, certos sujeitos abandonarem os seu palacios e jardins dos arrabaldes das cidades, para se internarem a poucos kilometros no interior, em quintas, onde a altitude é a mesma das cidades, e a temperatura não offerece a diminuição de um só grau.

Mas o demonio da moda obriga, e um simples guarda-livros de qualquer casa exportadora de laranja, julgar-se-ia deshonrado se não mudasse de residencia, pelo menos trinta dias, durante a estação calmosa. Que diriam as amigas da mulher? Que diria o club a que elle pertence?

* * *

No dia de S. João, na cidade d'Angra (ilha Terceira), ha toirada de fidalgos, e nas villas e aldeias, ha toiradas populares.

A toirada dos fidalgos, na cidade, realisa-se n'uma praça publica, organisada *ad-hoc*, como nos tempos antigos se praticava no Terreiro do Paço.

Para a praça, olham edificios particulares e um convento. Armam-se em volta da praça, tribunas e palanques e enfeitam-se as janellas de sacada. Tanto as tribunas particulares, como as varandas, são decoradas com ricas colchas de damasco de seda e sanefas de velludo de cores vivas. No chão da praça dispõe-se a arena.

A entrada é gratuita e franca. Os picadores e bandarilheiros, são destros e garbosos. O gado bravo. Os toiros são embolados e pouco corpulentos.

As toiradas populares differem completamente da toirada dos fidalgos. Os toiros são corridos á corda.

Correr toiros á corda, creio que não se usa senão nos Açores. A coisa passa-se assim: amarra-se, a uma perna do animal, uma compridissima corda, á extremidade da qual se agarram, de unhas e dentes, muitos homens. Depois, solta-se o toiro para a rua. O animal corre furioso, arrastando atraz de si os que seguram a corda. Pelas ruas por onde passa, a multidão accumula-se jubilosa, de ambos os lados. O toiro investe com ella e os homens defendem-se com os varapáos como se fossem forcados, outros fazem pégas, outros rabejam.

As mulheres, nas janellas ou nos terraços, animam e instigam os homens com os seus formosos olhos pretos, onde scintilla a coragem e a audacia de quem se vê a quatro metros alto do chão e livre de todo o perigo. Nas hostes masculinas, portam-se uns como heroes, esperando o toiro a pé firme n'uma larga parede humana; outros, transidos de susto, apenas veem o turbilhão de poeira levantado pela féra enraivecida, trepam ligeiramente ás arvores, ás grades das janellas, a toda a parte onde possam pôr as costellas em segurança.

Estas toiradas, unicas no seu genero, só se realisam na ilha Terceira. Nas outras ilhas, os toiros não prestam para toireio, por demasiado mansos.

Nas ilhas onde não póde haver toirada por falta de gado bravo, o S. João é festejado com alvoradas, arraiaes e fogueiras de folhas de loiro.

O mais encantador, porém, das festas, são as sortes de papel muito dobradinhas e lançadas n'um pratinho com agua, posto ao relento, na vespera do santo, pelas raparigas solteiras.

N'essas sortes, impagaveis de candura juvenil, pergunta-se ao S. João as coisas mais intimas. No dia do santo, antes de nascer o sol, vae-se ao prato das sortes. As que estão abertas na agua, são lidas com anciedade, porque o que n'ellas se pergunta, hade succeder por força! Esta *certeza*, porém, não impede que no anno seguinte se faça a mesma pergunta ao santo.

Ha alcachofra queimada, o mangerico e o ovo lançado n'um copo com agua. Pela madrugada, se o ovo apresentar a forma de um navio, é embarque para o Brazil; se apresentar o aspecto de um caixão, é morte; se se parece com uma floresta, é riqueza por herança ou casamento.

Usa-se tambem lavar a cara em agua fria, que fica exposta, com rosas dentro, ao relento.

Veem depois as tradições da bruxaria da edade media. O pacto que o diabo faz á meia noite, com os pedreiros livres e com os escrivães. Danças macabras. Coisas estupendas.

O santo Antonio, tão festejado em Lisboa, que até a camara municipal o tomou sob a sua protecção, não tem importancia nenhuma nos Açores. Todos os carinhos são para o S. João. O proprio S. Pedro, apezar do seu importante cargo de guarda-portão celeste, é tratado mui desdenhosamente pelos insulanos.

Os bailes campestres, introduzidos ha quinze annos nos Açores, por alguns operarios do continente do reino, dão a estas festas de verão, um grande realce. Os imperios do Espirito Santo, que descrevi sob o titulo: «O Espirito Santo nos Açores», em varios artigos d'esta *Illustração*, contribuem para dar um tom particular de folia a estas expansões populares.

Algumas festas d'egreja, pouco concorridas, alimentam o fogo sagrado da fé no peito das raras velhas e anciãos do povo, que a ellas assistem.

Não sou pessimista, e por isso não direi que vão em decadencia as festas do companheiro de Jesus, o energico João Baptista. Seria preciso que se acabasse o vinho sobre a terra, que se extinguisse todo o amor nos corações juvenis e ardentes da mocidade, e que morressem de subito todos os trovadores populares. Ora a poesia e a musica, feitas de um raio de sol e de um beijo de amor, são ambas immortaes.

Emquanto o sol doirar a terra, os festejos de S. João, que, no fundo, são os festejos gentilicos do sol, hão-de fazer-se com um ou outro nome, sob um ou outro pretexto religioso ou civil, mas consentaneo com a marcha evolutiva da humanidade.

José Maria da Costa.

O PALACIO DAS CORTES, EM LISBOA

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Typographia do «Diario Illustrado», Travessa da Queimada, 35, Lisboa